

Memórias e diálogos que compreendem o lugar

Sônia Barreto de Novaes¹

Resumo

Em pesquisa que está sendo realizada em uma cidade do interior paulista estamos entendendo o estreito elo entre memória e desenvolvimento cultural. Esse estreitamento é, por vezes, tão ínfimo que mal nos damos conta que o desenvolvimento do local como um todo, mas principalmente da cultura, não ocorre porque não valorizamos nossas memórias, colocando-as como mero depósito de onde podemos extrair recursos, sem, no entanto, alimentá-las. Percebemos também que, estas memórias estão nas narrativas e, o registro destas subleva sentimentos de pertencimento e permite aflorar o ser enquanto cidadão dialógico nos diferentes espaços que ocupa. Dentre as questões pautadas no dia a dia estão àquelas relacionadas ao patrimônio material e imaterial como forma de representação perene diante das imbricações desenvolvimentistas que a Cidade vem tomando.

Palavras-chaves: Memórias; Cultura; Patrimônio Material e Imaterial; Lugar

Memories and dialogues that comprise the place

Abstract

In research being conducted in a city in São Paulo state we understand the close link between memory and cultural development. This narrowing is sometimes so small that hardly we realize that development of the place as a whole, but especially the culture, because we do not value our memories, placing them as mere deposit from which we can extract resources without however, feed them. We also realize that these are the narratives and memories, the record of these stirs feelings of belonging and allows flourish while being dialogical citizen in different spaces it occupies. Among the questions grounded in everyday life are those related to tangible and intangible heritage as a form of representation before the perennial developmental imbrications that the City is taking.

Key-words: Memories, Culture, tangible and intangible heritage; Place

Introdução

“Mnemosine, revelando ao poeta os segredos do passado, introdu-lo nos mistérios do além. A memória aparece então como um dom para iniciados e anamnesis, a reminiscência, como uma técnica mística. Também a memória joga um papel de primeiro plano nas doutrinas órficas e pitagóricas. Ela é o antídoto do Esquecimento. No inferno órfico, o morto deve evitar a fonte do esquecimento, não deve beber no Letes, mas pelo contrário, nutrir-se da fonte da Memória, que é a fonte de imortalidade.” (EINAUDI, v.1, p. 21)

A memória é o fio condutor desta pesquisa por diversas razões. Primeiro, a memória como antídoto ao esquecimento e também como fonte de imortalidade é

¹ Bibliotecária, Mestre em Ciência da Informação e Doutoranda em Meios e Processos Audiovisuais – ECA/USP. Membro dos Grupos de Pesquisa: GENN – Grupo de Estudos de Novas Narrativas – CRP/ECA/USP e, Cidade do Conhecimento CTR/ECA/USP. Bolsista FAPESP – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo.

imprescindível à situação-questão que surgiu há alguns anos, seja ela: Piracaia²³ é uma cidade morta? Neste sentido a memória favorece a atualização de certas informações e de conhecimentos passados, ou que se representa como tal. Por meio da memória o homem intervém não só na classificação de vestígios como na ressignificação destes ao trazê-los para o presente. Neste sentido o diálogo compreendido no lugar se estabelece no tempo e nele reside a memória.

E chegamos ao cerne da nossa questão, seja ela:

- De que maneira as memórias⁴ legitimam espaços? Ou, de que maneira o *ser* cura o local, reinventando o seu lugar?

As narrativas como forma de expressão destas memórias trazem aos seus narradores competências imaginativas, posto que versam sobre imagens, seja ela um vestígio ou um sinal, ambas enigmáticas, como saliente Paul Ricoeur. Trata-se de uma capacidade de se fazer referência ao passado “[...] os *vestigia*, que são coisas presentes gravadas na alma [...]” ao mesmo tempo em que se antecipa na expectativa da imagem sinal anunciando coisas futuras.

[...] ‘Se com efeito as coisas passadas são, quero saber onde são’ [...] Há de certo modo na (*in*) alma esses três modos de tempo que não vejo em outra parte (*álibi*) (20,26). Terá sido por ter formulado a pergunta em termos de ‘lugar’ (*na* alma, *na* memória)? Ou será, antes, a quase espacialidade da imagem-vestígio e da imagem-sinal, inscrita *na* alma, que chama a pergunta sobre o sítio das coisas futuras e passadas? Não saberíamos responder a isso neste ponto da análise. (RICOEUR, 2010, v.1, p. 25)

Outra razão: no sentido estrito e lato, metafórico e literal podemos dizer que a memória compreende o ponto central de toda a faculdade e de todas as catedrais do

² Piracaia esta situada a 85 quilômetros da capital paulista e conta com uma população estimada em 22.335 habitantes em uma área de 385 km², segundo dados do IBGE. Faz divisa com Atibaia, Joanópolis, Bom Jesus dos Perdões, Nazaré Paulista e Bragança Paulista.

³ “O garoto entrou na Biblioteca Pública Municipal e, passando pelo acervo infantil, seguiu diretamente à ala de literatura para adultos. Curiosa, a bibliotecária observava à distância. Quando percebeu a impaciência do menino que não encontrava o que procurava se dispôs a auxiliá-lo. – Então ele lhe disse que uma amiga lhe disse que havia ali na Biblioteca um livro que contava a história de Piracaia e que este livro havia sido escrito por Monteiro Lobato. – A bibliotecária admirada com tal indicação procurou não transparecer que estava um tanto quanto intrigada. Se propôs a citar os títulos do autor até ele dizer qual era. Quando citou ‘Cidades Mortas’, prontamente o garoto disse: ‘É este! É este!’”

⁴ “A memória é um cabedal infinito do qual só registramos um fragmento. [...]” (BOSI, 1994, p 39) Por se tratar de um conceito amplo e investigado por inúmeras ciências, procuraremos tratar o conceito de *memória* sob o ponto de vista social e cultural observando a literatura de autores que se dedicaram a esse tema.

conhecimento. Deste ponto convergimos e divergimos em todas as ciências. Neste sentido a memória é constitutiva da *trans*⁵- disciplinaridade e, sendo suas narrativas transversais, podemos por meio dela fazer encontrar a Ciências. Os registros das informações, a evolução de seus suportes permite, cada vez mais, que a chamada “memória coletiva” se inscreva de maneira comemorativa, como percebemos na multiplicação de monumentos e também das instituições-memória (arquivo, museu e biblioteca). Esta evolução associada à proliferação dos mesmos contribui não só para o armazenamento como também sua comunicação através dos tempos. E assim, a evolução da memória está diretamente relacionada ao desenvolvimento social e, mais particularmente, ao desenvolvimento urbano.

3

Falar de patrimônio é falar de herança e como estas são “comunicadas” – daí o grau de desenvolvimento ou valoração que diferentes comunidades conferem aos seus bens.

As narrativas *transversais* nas memórias

Desde o início da pesquisa nos questionamos sobre a ausência de registros de memória da cidade e também de instituições que cuidem desses, quando esses existem. Trazer, fazer emergir e disseminar a memória individual e coletiva de acontecimentos guardados no *tempo longo*⁶ – buscar essa memória menos nos textos que nas palavras, nas imagens, nos gestos, nos rituais e nas festas – é uma conversão do olhar histórico. Conversão partilhada em redes sociais, em encontros de grupos, em propostas e atuações gerando demanda a favor dos bens tidos como públicos, tais ações serão abordadas mais adiante.

A memória está, tanto para aquele que transmite como para aquele que apreende, representada e expressada em diferentes manifestações caracterizadas em linguagens,

⁵ [...] ‘*Trans*’ significa ser e estar a caminho, uma movimentação para além de si mesmo, um lançar-se ao entre da movimentação. *Trans* diz propriamente transcendência. [...] Transcendência é, para Heidegger, o modo em que ‘*Dasein*’ existe, a saber, finitamente. [...] Transcendência da existência significa infinidade. O que Heidegger define como estrutura da ‘cura’, como estrutura de anteceder a si mesma já sendo em... junto a.. o mundo. [...] Decisivo no dimensionamento de *Dasein* como cura é este para além de si mesmo antecipador, este si mesmo experienciado como alteridade. Cura, antecedência, ek-sistência. (SCHUBACK, 2009, p.18)

⁶ Paul Ricoeur observa com Sto Agostinho: "Foi-te concedido perceberes as lentidões (*moras*) do tempo e medi-las. Que me responderás?" [...] "o tempo presente clama que não pode ser longo" (RICOEUR, 2010, v.1, p. 18)

assim o ato mnemônico fundamental é o ato de *narrar* e com este a sociabilidade e a comunicação de algo cujo objeto está ausente. O registro destas manifestações em suportes garante o para além do corpo físico, mas só o registro não significa necessariamente seu acesso, ou divulgação. É preciso que tais registros sejam organizados de alguma maneira e finalmente estejam disponíveis para trocas/negociações simbólicas materiais e imateriais.

Corroborando a consideração acima temos a tese de Paul Ricoeur que versa: “[...] é a narrativa que torna acessível a experiência humana do tempo, o tempo só se torna humano através da narrativa. [...]” (RICOEUR, 2010, v.1, p. xi) Este Tempo Humano está no **entrecruzamento** das Narrativas (Histórica e Ficcional), e estas duas provêm do Tempo Histórico que é a soma do Tempo Fenomenológico ao Tempo Cosmológico. As narrativas se oferecem como “[...] uma ‘**resposta poética**’ às aporias da reflexão do tempo (RICOEUR, 2010, v.1, p. xviii, grifo meu)” – As Narrativas representam, nesta pesquisa, uma *resposta poética*⁷ em meio à *prosaística*⁸ da memória às questões do tempo de acontecimentos em determinado espaço, neste caso, a cidade de Piracaia.

De acordo com o esquema abaixo, o tempo humano é a configuração que abrange: a soma do Tempo Fenomenológico (TF) ao Tempo Cósmico (TC) resultando o Tempo Histórico (TH), deste Tempo Histórico resulta deriva a Narrativa Histórica somada à Narrativa de Ficção.

⁷ Paul Ricoeur busca elementos na *Poética* de Aristóteles para compor a intriga. É no par *mímesis-mythos* formula a ideia de narrativa caracterizada pelo objeto *mythos*, ou seja, agenciamento de fatos. “Portanto, se reservarmos para a *mímesis*, o caráter de atividade que a *poiésis* lhe confere, e se, ademais, nos agarrarmos ao fio da definição da *mímesis* pelo *mythos*, então não há porque hesitar em compreender a ação – complemento de objeto da expressão: *mímesis práxeos* – como correlato da atividade mimética regida pelo agenciamento dos fatos (em sistema). [...]” (RICOEUR, 2010, v.1, p. 62)

⁸ a) Se opõe a poética; b) “[...] uma forma de pensar que pressupõe a importância do cotidiano, do comum, do ‘prosaico’” [...] (MORSON; EMERSON, 2009, p. 33)



FIGURA 1: ESQUEMATIZAÇÃO DA IDEIA DE TEMPO HUMANO

Assim como se entrecruzam as narrativas, e mesmo quando se começa numa história vai parar em outra: “*por que mesmo que estou falando isso?*” “*onde que eu estava mesmo?*” “*é, mas isso não tem nada a ver com o que eu estava dizendo*”... Estas frases indicam a dialogia das narrativas. Se pudéssemos visualizar em fios coloridos as tramas que se estendem cidade a fora, talvez entenderíamos melhor a inteligência (do latim: *interligere*) constitutiva dos espaços. Mas, “*como estava dizendo*”... Com o entrecruzar das narrativas, há o entrecruzar de áreas, departamentos, disciplinas, intersecção de olhares que transformam os fios em linhas tênues a medida que se distancia de seus respectivos “núcleos duros”. E, em se tratando de cultura, esta complexidade se intensifica, porque o homem não é concebível sem a cultura e, esta não é entendida senão para designar a sociedade que é tão inerente ao *homo sapiens* como uma natureza.

A Cultura enquanto reserva disponível, propicia o aumento da participação, o envolvimento e o *constituir-se cidadão* quando estes se apropriam de informações e as transformam em conhecimentos sobre o local por meio de relatos, narrativas audiovisuais e documentos históricos. As questões sobre a preservação de manifestações e objetos culturais se colocam como *obra aberta*⁹ a visitas e a ressignificações, possibilitando o intercâmbio de informações culturais e históricas com outros sistemas, na medida em que são disponibilizadas em rede. As memórias são

⁹ ECO, 2005.

estimuladas por variadas formas de expressão intensificando e alimentando os relatos implicados em diferentes instâncias.

Cabe-nos lembrar que a palavra cultura provém de *colere* – revolver a terra, cuidar desta observando seus tempos (o que legitima a fecundação mútua entre as narrativas culturais e ambientais na emergência do *lugar*). É no cuidar da terra, na cura que as narrativas *transversam* – daí que a dimensão da transversalidade da narrativa. Vale retomar a etimologia do prefixo ‘*trans*’ apontada pela tradutora de Heidegger¹⁰.

Alguns pensadores da cultura observaram esta característica “orgânica”: J. Duncam, assim como R. Willians, vê a cultura como sistema de significados onde a paisagem é o texto; Kroeber fala do *superôgânico* – o homem e o orgânico em que a construção de equipamentos e o meio social são decisivos para o indivíduo e para a sociedade. Já Frans Boas, indo além da antropologia cultural, vê a cultura como um processo multilinear, uma maneira como o homem marca o mundo, assim a cultura é possível de ser mapeada se tornando lugar (áreas culturais) onde há relações de trocas. As trocas são, antes de mais, negociações simbólicas tanto na cultura material como na imaterial permeadas pelos valores. Nem tudo é cambiado e muitas vezes observamos o abandono do tradicional em intenção do novo, ou da sua invenção.

Mas o novo bebe no tradicional quando há interesses, seja do Estado, seja do mercado. Em todo o caso é visível o poder das narrativas em intervir no sistema.

Patrimônio Histórico e Cultural

A narrativa da cidade, seja qual for sua “natureza”, tem seu lugar no patrimônio histórico e cultural, ou seja, nas heranças transmitidas ao longo dos tempos. A riqueza dessas heranças está diretamente relacionada ao *cuidado* a ela dispensado. O entendimento e o alcance das narrativas aumentam à medida que avançamos no conhecimento e nas abordagens dos *universos* compreendidos no âmbito patrimonial.

Apesar de nos parecer inviável, separar o imaterial do material quando falamos de cultura, afinal, como separá-las, se o imaterial necessita da matéria para se manifestar

¹⁰ Ver nota 4

e esta, por sua vez, se vale *do* e *no* impalpável, incomensurável, invisível e, ainda pensando cultura de maneira orgânica, narrativas representativas das memórias dentro de *inteligência*... Permitindo por outras vias nossa transcendência? Separar o material do imaterial é o mesmo que querer separar o corpo da alma, o significante do significado quando as marcas recebidas e percebidas em todo trajeto possuem valores intrínsecos, inerentes às suas expressividades. Todavia e, contudo, tentaremos este “divórcio”, contanto que seja ele consensual e, nos termos da pesquisa: *Dialógico*.

As dimensões, material e imaterial, da cultura propostas e usadas pelo IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – possibilita compreender a presença da memória e de sua expressividade narrativa tanto na Cultura Material quanto Imaterial. Assim também o termo *patrimônio*, versado no Artigo 216¹¹ da Constituição Federal, definido e configurado em ampla abordagem, permite-nos adentrar em dimensões vividas por diferenciados grupos, os quais possuem elementos cujas grandezas refletem em toda forma de viver e intercambiar saberes seja no campo ou na cidade.

Como representação dessas duas dimensões do patrimônio cultural (material e imaterial), apresentamos aqui narrativas e manifestações em: a) Tombamento do Centro Histórico de Piracaia (exemplo de patrimônio histórico cultural material) e; b) “Festas de São Gonçalo” (exemplo de “pretendente” ao patrimônio histórico cultural imaterial)

Tombamento do Centro Histórico de Piracaia

Recentemente Piracaia teve seu tombamento do Centro Histórico¹² pelo CONDEPHAAT – Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico – de acordo com o Processo nº 42270/2001.

¹¹ [...] formas de expressão; os modos de criar; as criações científicas, artísticas e tecnológicas; as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; além de conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico. Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/sobre/cultura/patrimonio-brasileiro/material-e-imaterial> Acesso em: 22 de nov 2012

¹² <http://www.jusbrasil.com.br/diarios/39927610/dosp-executivo-caderno-1-25-08-2012-pg-37/pdfView>



FIGURA 2: CONJUNTO HISTÓRICO PRAÇA DA MATRIZ – PIRACAIÁ - SP

“Alguém” leu no jornal “O Estado de S. Paulo” sobre o tombamento logo pela manhã e *postou* na rede social Facebook. Rapidamente a notícia se espalhou ganhando diferentes dimensões, visibilidade, interpretações e constatação de erros do CONDEPHAAT. O que chamou a atenção em relação a essa promulgação não foi o erro em si, mas a rápida percepção de outro cidadão piracaiense que se autodenomina “bairrista”, Sr. Tazula, 82 anos (morador à Praça da Matriz). Dizia ele que, o Conselho havia tombado o que não existia, como demonstram os “posts”. De fato, o CONDEPHAAT citou casas que existem, porém três delas estão citadas no processo com endereços errados.

O Sr. Tazula se conscientizou porque se apropriou da informação que lhe chegara. Uma informação se torna conhecimento quando articulada com outras e traduzida em ações, ou protagonismos. O protagonista provoca, “não dá de ombros” quando percebe que há algo que não se “encaixa”. Neste sentido sua presença, enquanto *ser-no-mundo* é cuidado/cura com o ente que lhe diz respeito. “A consciência é o apelo da cura que, a partir da estranheza do *ser-no-mundo*, faz apelo para a presença assumir o seu poder ser e estar em dívida mais próprio. [...]” (HEIDEGGER, 2009, p. 369) O “próprio” do Sr. Tazula, não um próprio qualquer. É um próprio legitimado que, por sua vida e por suas experiências, valida seu apelo à consciência coletiva sobre o que se “andam fazendo” com a cidade. O caso do CONDEPHAAT é apenas um exemplo sobre a maneira como o *lugar* responde a um contexto maior.

Quando há comprometimento com seu espaço há quem “cure”, neste sentido

podemos entender o que o Sr. Tazula quis dizer ao dizer:

José Piracaia Acho que este tal de CONDEPHAAT, leu aquela placa da PIRACAIAR, e pensa que nós somos todos caipiras e bocós. "Vamos fazer deste jeito, pois ninguém da cidade vai notar"

1 de setembro às 20:49 · Curtir

A evocação à consciência coletiva é própria do *homem-memória*, evidentemente o Sr. Tazula é um destes. Homens que narram estão para além de sistemas, seja o educativo, jurídico, eclesiástico, etc... Talvez porque em sua fala os sistemas são representados. Geralmente eles são versados em todos os assuntos. Em cidades pequenas do interior eles costumam andar pelas praças, bares, ruas. Há alguns casos de mulheres, neste caso elas costumam estar as janelas ou sentadas na soleira de suas casas, como é o caso da Dona Ana que vende cocada de fita. Mas agora, além dos lugares citados, eles também propagam seus apelos pelas mídias digitais – como deixou claro o Sr. Tazula numa postagem no Facebook:

“Cuidado quando pedirem para um senhor idoso esperar sentado. Porque ele pode estar sentado na frente da tela de um computador.”

A voz do homem-memória, esse narrador, é suporte de rememoração e de reconstrução generativa. A perda dessa voz (ou diríamos, da escuta dessa voz?) implica, de certa maneira, “[...] a falta ou a perda, voluntária ou involuntária, da memória colectiva nos povos e nas nações, pode determinar perturbações graves da identidade colectiva.” (EINAUDI, p.12)

Morre o narrador, morre a memória coletiva. Nas sociedades, cuja oralidade¹³ predomina, há os especialistas das memórias, verdadeiros e legítimos guardiões dos códigos, tradicionalistas, chefes de famílias, idosos, sacerdotes, parteiras, curandeiros, cujo papel é manter coesos e saudáveis o grupo, a tribo, a comunidade. Essa coesão se manifesta, além do cotidiano, em celebrações, em festas religiosas que se dão a partir de calendários religiosos ou por alguma graça alcançada.

Zé Antônio Petri narra um pouco a sua visão das festas e da cultura em Piracaia:

¹³ “Goy [1978] definiu e colocou esta história oral, nascida sem dúvidas nos Estados Unidos onde, entre 1952-1959, grandes departamentos de ‘oral, history’ foram criados nas universidades de Columbia, Berkeley, Los Angeles, desenvolvida em seguida no Canadá, no Quebec, em Inglaterra e França. [...]” (EINAUDI, v.1, p.45)

“A festa tá separada da cidade... a festa religiosa era integrada a comunidade... A festa que desce. 5 da manhã já saía tocando a procissão com a bandinha. Era a religiosidade. Agora mecanizaram tudo... o pão de santo Antônio. As festas dos bairros estão tão fracas que não estão acontecendo mais. Tem também o avanço da igreja protestante e o apoio às festas... isso é um reflexo nacional. Em 05 anos estas festas acabam, os filhos não querem...”

Assim, as festas religiosas representam em cidades como Piracaia, principalmente nos bairros mais afastados do centro, o único momento de *encontro* e celebração e, portanto requerem cuidados e políticas públicas que lhes assegurem perenidade. Neste sentido esboçamos um pouco do que se ouviu sobre a festa de São Gonçalo.

Festa de São Gonçalo

A festa de São Gonçalo é um acontecimento que, apesar da tradicionalidade e de toda sua ritualística, nunca é igual. Nem mesmo a concepção da Festa sobre sua origem é comum. Nos poucos depoimentos que colhi, ouvi três versões diferentes: segundo Tânia¹⁴, São Gonçalo não conseguia evangelizar e descobriu que pela música e pela festa, isso seria mais fácil. Segundo uma dupla de violeiros que canta¹⁵ a história na Festa, a ideia de São Gonçalo era que bater o pé e dançar era melhor que brigar, então São Gonçalo apartava as brigas assim. Mas o Padre Pio tem outra versão, segundo ele, a oficial: *“São Gonçalo em seu trabalho pastoral, para impedir que as mulheres se prostituíssem, fazia elas dançarem a noite inteira.”*

¹⁴ Na verdade seu nome é Sebastiana, por devoção a São Sebastião, como ela era muito pequena chamavam-na de Tianinha que acabou virando Tânia. Essa senhora, além de congadeira e devota de São Gonçalo, dança todas as festas religiosas da cidade.

¹⁵ <http://www.youtube.com/watch?v=q8qibO6tBIA>



FIGURA 3: CANTADORES DA FESTA DE SÃO GONÇALO

O conceito da palavra história¹⁶ está para “aquele que vê”, aquele que busca e investiga e, neste sentido os que resolvem narrar alguma história, narram porque viram (acreditaram), por seus ou pelos olhos de outros – mas sempre colocando nestes sua visão, sua interpretação e experiência de mundo. *Ver*, logo saber, é um problema, cuja solução está no encontro – portanto, trata-se de uma solução “aberta” a outras possibilidades de respostas implicadas nos inter-atores da história.

O Padre Pio trata de resolver logo esse problema de “visão” quando lhe digo que aquela era a terceira versão que eu ouvia e ele quis saber das demais. Embora tenha dito que a sua era oficial não desmereceu as outras. Pelo contrário demonstrou como elas se completavam e tinham como ponto comum a evangelização. Padre Pio ainda salientou sobre as diferenças existentes nas festas de São Gonçalo variando de região para região, mesmo em cidades tão próximas – como Mairiporã, Bragança Paulista, Nazaré Paulista

¹⁶ A palavra ‘história’ (em todas as línguas românicas e em inglês) vem do grego antigo *historie*, em dialecto jónico [Keuck 1934]. Esta forma deriva da raiz indo-europeia *wid-*, *weid*, ‘ver’. Daí o sânscrito *vettas* ‘testemunha’ e o grego *histor* ‘testemunha’ no sentido de ‘aquele que vê’ é também aquele que sabe; *historien* em grego antigo é ‘procurar saber’, informar-se. *Historie* significa, pois ‘procurar’. É este o sentido da palavra em Heródoto, no início de suas Histórias, que são ‘investigações’, ‘procuras’ [cf. Benveniste 1969, t. II, pp. 173-174; Hartog 1980]. *Ver*, logo saber, é um problema. (EINAUDI, v.1, p. 158)

e Morungaba – e como ela é composta por elementos das culturas branca, indígena e negra.

A importância dessa Festa para a comunidade está diretamente ligada às graças/milagres recebidos como respostas às suas questões relativas à saúde (principalmente das pernas) e aos problemas de ordem financeira e amorosa. A realização da Festa em si, já é um milagre, porquanto os donativos “aparecem” – o “fogadão” é servido a todos sem distinção de pessoas e a fila permanece o dia inteiro e no final da festa ainda sobram alimentos que vão compor cestas básicas.

Essa Festa ainda não foi tombada por nenhum órgão responsável pelo patrimônio histórico e cultural, mas é uma cultura legitimada por sua tradição e pelo seu alcance no tempo e no espaço.

Assim, e de acordo com a fala do Pe Pio, percebemos que o *diálogo* que compreende determinado *lugar* é um *acontecimento-condição*; é como se esse fosse condição da existência da cultura, mas que não o é no “sempre” – trata-se de um fenômeno. O homem se apropria de seus espaços (terreiro, praça, quintal...) de acordo com os elementos que possui e permuta quando *encontra* com o outro. Daí a questão dialógica trazida por Buber em “*Eu e tu*”.

Os valores patrimoniais, as heranças, estão no interior dos discursos e têm emergido das memórias em linguagens e manifestações por meio dos grupos aqui analisados. A *polifonia* se faz ouvir na cidade-lugar.

O Lugar da Memória em Piracaia

“Olha a calma daquele tempo.”

Seu Dito

Ao observar uma fotografia dos anos 20, Seu Dito mostra a maneira como um senhor anda no meio da rua calçada de paralelepípedos, diz da ausência de automóveis e compara com o dia de hoje, onde todo o meio fio comporta os carros estacionados. Então diz: “Olha a calma daquele tempo”.

O tempo não é um mero parâmetro, mas um operador. Ele preenche os acontecimentos tanto quanto os acontecimentos o preenchem. E, se isso vale para os acontecimentos físicos, geológicos e biológicos, vale evidentemente ainda mais para os acontecimentos sociais e culturais. [...] (MORSON; EMERSON, 2009, p.66)

Olhar está muito além da percepção visual, seu campo abrange todos os sentidos. É um sentido de atenção e de distância. Olhamos e escutamos o tempo – o tempo é audiovisual e, como dissemos acima, está configurado na narrativa. Mas quais são os elementos que compõem a narrativa de uma cidade? O que as memórias de seus protagonistas relacionam com o lá e o cá no tempo e no espaço?

Narrativa que se preze nunca se encerra e quem conta um conto aumenta um ponto. As histórias se enraízam ao mesmo tempo em que sustentam e geram outras. É assim a vida real em suas inter-relações:

[...] os falantes estão sempre mudando, mesmo que num grau dificilmente perceptível. No processo dessa geração, o conteúdo que está sendo gerado também gera. O intercâmbio prático está cheio de **potencial de eventos**, e a mais insignificante das trocas filológicas participa dessa incessante geração de eventos. [...] (BAKHTIN apud MORSON; EMERSON, 2009, p.40, grifo meu)

A memória levantada a partir das narrativas e as participações em movimentos em pró da cultura e do meio ambiente trouxeram a tona este “potencial de eventos” demonstrando a necessária complementaridade de áreas e interesses quando o assunto é o desenvolvimento e a valorização do lugar onde se vive. É no *lugar* que se intensificam as energias coletivas e a cultura encontra aí elementos que contribuem para o seu desenvolvimento. Neste sentido, tanto o que está latente como o que está disperso no seio da população se manifesta, se *apresenta*.

Stuart Hall considera a cultura nacional como um *discurso* “[...] um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos. [...]” (HALL, 2003, p. 50) A cultura de Piracaia, dentre as demais municipais, compõe a cultura nacional e é neste sentido que traduzimos e verificamos os cinco elementos principais, abordados por Stuart Hall¹⁷, que compreendem a narrativa da cultura nacional para observar esta cidade.

1. Há uma *narrativa da cidade* – contada e recontada em diferentes meios, sendo o principal a História Oral, contudo estas estão amparadas em imagens, símbolos, ritos, eventos históricos e a própria arquitetura e paisagem do Município;

¹⁷¹⁷ HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. São Paulo: DP&A, 2003. p. 52-56.

2. Há uma ênfase nas *origens*, na *continuidade*, na *tradição* e na *intemporalidade* observada não só nas falas dos mais idosos, como também dos mais jovens, por mais que estes não participem dos eventos da cidade.
3. Observamos também a *invenção da tradição*, ou pelo menos a tentativa desta. Estas tentativas têm muito a ver com a necessidade de a cidade descobrir a sua vocação com vista ao desenvolvimento do turismo. Um exemplo desta invenção é “As pretinhas da Guiné” – grupo folclórico que não se manteve;
4. A *identidade municipal* – “você é daqui?”, “De que família você é? Quem é de Piracaia e quem não o é – é uma questão que está sempre na ordem do dia – mas há os “novos piracaianos”, pessoas que estão vindo se estabelecer na cidade por conta da qualidade de vida e da proximidade da metrópole São Paulo.

Diante desta “tradução”, ou melhor, desta *transposição* da ideia da narrativa da cultura nacional para uma narrativa da cultura municipal – podemos afirmar que Piracaia possui uma narrativa própria e seu lugar está amparado na memória de suas famílias sendo transmitida em quase sua totalidade pela oralidade. Quando há registros, estes se são particulares, cabendo à família salvaguardá-los. Há um pequeno acervo com jornais de época, encontrados pelo “Seu Dito” (atual responsável pela Biblioteca Pública), em uma torre da cidade. Foi lá que alguma Administração Pública (não se sabe qual) resolveu “guardar” a memória escrita da cidade. Seu Dito selecionou os jornais que achava serem importantes e do interesse da cidade. Havia também as fotografias de Tetê Brandão¹⁸, hoje acervo permanente da UNICAMP¹⁹. Os quadros de Sr. Tazula, artista plástico da cidade podem ser apreciados quando estamos nos espaços da Prefeitura Municipal, da Câmara dos vereadores e no Fórum. Quanto aos espaços, ou como diria os geógrafos, os equipamentos destinados à cultura são apenas dois: Centro Cultural Walter Puccinelli e a Biblioteca Pública, cujo acervo não está em prédio próprio.

¹⁸ <https://www.facebook.com/media/set/?set=oa.513529325329595&type=1>

¹⁹ [Bill Lacerda](#) Que legal [Sônia Novaes](#) esse acervo é uma das preciosidades de Piracaia fico feliz que esteja sobre cuidado especializado, muito legal! valeu!

27 de agosto às 23:04 · Curtir · 1

A ausência de equipamentos culturais e de políticas que viabilizem ações culturais é percebida como uma insuficiência do desenvolvimento da cidadania plena. A desarticulação, ao contrário da articulação, é bem mais fácil de ocorrer, daí a fragilidade dos grupos, a fragmentação, a descontinuidade e a ruptura das ações favorecendo a proliferação de vozes sem sujeitos ou sem ouvintes. Este sintoma reflete a globalização e a pós-modernidade, cujos sujeitos, em sua maioria, são desconhecidos – mesmo em cidades pequenas como Piracaia. Compromete-se, então, o circuito de valores culturais ao deslocar sentidos de relacionamentos em cenários que não mais correspondem. Essa tendência se tonifica ao se somar às mídias e às tecnologias de comunicação e de informação imbricadas tanto no funcionamento quanto na gestão da sociedade em geral.

Considerações Finais

Temos, no surgimento de manifestações significativas da memória coletiva, o aparecimento no séc. XIX e no início do séc XX a fotografia que revoluciona a memória e ao multiplicar, democratizar e dar precisões visuais – guarda a memória do tempo, o álbum de família. Hoje este álbum está na rede e todos podem fazer seus comentários. A vida particular – própria está cada vez mais pública – imprópria.

As relações que mantemos constituem e se constituem circunscritas em espaços e tempos condições necessárias da existência. O movimento histórico em que vivemos evidenciado pelas tecnologias da informação e da comunicação intensifica essa conectividade. O conhecimento e as práticas tecidas em redes sociais sobre temas históricos alimentam o capital social local ao colocar em cena o discurso extra-oficial ao mesmo tempo em que alimenta memórias e projeções de cidadania *singular* e coletiva tanto no contexto local como no global. No entanto, essa mesma tecnologia parece minimizar a necessidade de representações ao ofertar obras de artes, vídeos, fotografias em fluxos. O caso do grupo Piracaia tem histórias na rede social Facebook, parece ser suficiente para alimentar esta demanda/carência memorial da história e da cultura desta cidade. Contudo, insuficiente e nos traz uma questão fundamental – como estimular ou provocar experiências para que tal memória ganhe espaço e seja aquela fonte de inspirações, criatividade? Uma das repostas que estamos encontrando está própria questão, seja ela: A narrativa, compreendendo a memória, a atenção e a expectativa, coloca numa mesma espiral ascendente os mecanismos para o desenvolvimento e a busca de caminhos que vão do ouvir ao propagar.

Índice das Imagens

Figura 1: ESQUEMATIZAÇÃO DA IDEIA DE TEMPO HUMANO	5
Figura 2: Conjunto Histórico Praça da Matriz – Piracaia - SP	8
Figura 3: Cantadores da Festa de São Gonçalo	11

Referências

- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 13. ed. São Paulo: companhia das letras, 1994.
- BUBER, M. *Eu e tu*. 2. ed. rev. São Paulo: Cortez e Moraes, 1979.
- CALVINO, I. *Cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CANCLINI, N. G. *A sociedade sem relato: antropologia e estética da iminência*. São Paulo: EDUSP, 2012.
- ECO, U. *Obra aberta: forma e indeterminações nas poéticas contemporâneas*. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- EINAUDI. *Enciclopédia Einaudi. Memória – História*. v.1. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 1994.
- HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 4. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- HEIDEGGER, M. *Ser e tempo*. 4. ed. São Paulo: Vozes, 2009.
- LATOUR, B. *Reassembling the social: an introduction to actor-network-theory*. Oxford: University Press, 2005.
- LEFEBVRE, H. *O direito à cidade*. São Paulo: Ed. Documentos, 1969.
- LOBATO, M. *Cidades mortas*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1956.
- MASSEY, D. Um sentido global do lugar. In: ARANTES, A. A. (Org.) *O espaço da diferença*. São Paulo: Papirus, 2000. p. 176-185.
- MIÈGE, B. *A sociedade tecida pela comunicação: técnicas da informação e da comunicação entre inovação e enraizamento social*. São Paulo: Paulus, 2009.
- MORSON, G. S; EMERSON, C. *Mikhail Bakhtin: criação de uma prosaística*. São Paulo: EDUSP, 2008.
- MUMFORD, L. *A cidade na história: suas origens, transformações e perspectivas*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- RICOEUR, P. *Tempo e narrativa: a intriga e a narrativa histórica*. São Paulo: Martins Fontes, 2010. v.1.
- _____. *Tempo e narrativa: a configuração do tempo na narrativa de ficção*. São Paulo: Martins Fontes, 2010. v. 2.
- SANTOS, M. *Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico informacional*. São Paulo: Hucitec, 1994.
- SCHUBACK, M. S. C. A perplexidade da presença. In: HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo*. 4. ed. São Paulo: Vozes, 2009.
- WILLIAMS, R. *Cultura*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

Recebido em abril de 2014.

Aprovado em agosto de 2014.